

CONSTITUCIONAL

Anno 1.

Assignatura
POR ANNO 8\$000
POR SEMESTRE 4\$000

Publica-se aos Domingos.

Joinville 28 de Fevereiro de 1886.

Assignatura
Pelo correio
POR ANNO 9\$000
POR SEMESTRE 4\$500

Nº 28.

CONSTITUCIONAL.

Joinville, 28 de Fevereiro de 1886

Na altura da aggressão....

O novo „Corsario“ trouxe em seu ultimo numero uma formidavel descompostura ao eleitorado conservador de S. Francisco pelo facto de ter dirigido em data de 4 do corrente um officio congratulatorio ao digno administrador da provincia depois de haver declarado adherir a opposição levantada na capital contra S. Ex.

O facto não merecia invectivas tão vis.

O partido conservador d'aquella cidade não podia e nem devia continuar a manter-se em attitude hostil á presidencia.

Qual o acto praticado pelo Exm Sr. Dr. Rocha e que fosse capaz de motivar o desgosto do eleitorado franciscano?

Devia porventura o partido conservador unir-se a um grupo de homens, que trabalham e lutam pela candidatura do cons. Mafra, liberal extremado e que durante o dominio liberal tanto espesinhou aos seus adversarios?

Não seria isso concorrer para o aniquilamento do partido conservador na provincia?

Accresce que o orgão da dissidencia na capital já declarou solemne e publicamente que a opposição ao presidente foi tão somente oriunda da imposição da candidatura — Pinto Lima.

Pois bem. E o que tem com a luta do 2.º districto o eleitorado conservador do 1.º?

Foi, portanto, acertado, acertadissimo o passo que acabaram de dar os nossos amigos d'aquella cidade, attendendo tambem á que todos os collegios eleitoraes do 1.º districto estão identificados com o Sr. Dr. Rocha, a quem votam o mais franco e decidido apoio, porque é um administrador que honra ao governo de que é delegado.

E' falso, falsissimo o que diz o escriptor do „Corsario“, affirmando com extraordinaria desfaçatez que a redacção d'este periodo não quiz que fossem publicados artigos de opposição, vindos de S. Francisco.

Nunca os nossos amigos d'aquella cidade remetteram á redacção do „Constitucional“ uma só linha em opposição á presidencia.

Já dissemos e repetimos hoje que não extranhámos essas falsidades, pois estamos habituados a ver o bufarinheiro politico mentir descaradamente.

E' um mentiroso vulgar, que lança mão dos meios mais torpes e mais repulsivos para chegar aos seus detestaveis fins.

Pedimos-lhe que não se incomode com a direcção que vae tendo o partido conservador de S. Francisco.

O eleitorado conservador d'alli continúa muito satisfeito com os seus chefes, e despreza tão miseraveis intrigas, porque sabem que partem de muito baixo.

Cuide de si e de seus asseclas.

Não falle em retractação, pois deve lembrar-se d'aquella futuro eleitor que depois da eleição geral em 1881 felicitou por officio ao Dr. Taunay pelo seu esplendido triumpho, e poucos dias depois mentiu á sua consciencia, faltou á fé jurada e ainda hoje é um dos maiores inimigos d'aquella notavel cidadão.

O proprio bufarinheiro deve recordar-se de que quando alli aportou com pés de lan era um fervoroso entusiasta do Dr. Taunay á ponto de dizer abertamente que, se algum dia fosse eleitor, a elle daria o seu voto.

Cedo, porem, mudou de rumo e o Dr. Taunay, deixando de ser um homem de talento vigoroso, como o seu apologista confessava, passou a ser em sua nova opinião uma mediocridade vulgar.

Tempora mutantur...

Res tua agitur...

Isto é que é ser leal, sincero, ter caracter emfim!...

Toda aquella catilinaria contra os conservadores de S. Francisco é motivada pela raiva que domina o espirito do adversario, que vê approximar-se o dia de serem os seus amigos demittidos dos lugares que ainda occupam.

Eis a grande questão; é este o duende que o persegue.

Mas pode estorcer-se á vontade nas convulsões da colera e do desespero; pôde gritar estonteado e frenetico, espumando e mordendo á torto e á direito.

Quando quizer curar-se do terrivel mal de que se acha atacado, lance mão do lenitivo que o illustre professor francez Pasteur tanto aconselha, se é que conhece as ultimas descobertas d'este sabio.

Está satisfeito com esta resposta?

Ad extremos morbos, extrema remedia.

EDUCAÇÃO FAMILIAR

O LUXO.

Os casamentos.

Extirpar da sociedade os vicios adquiridos desde longos annos, transmit-

tidos de pais a filhos como uma herança fatal, arraigados no coração dessa sociedade, que se sente morrer, victima delles, mas que parece temer mais o curativo do que a morte, é por certo trabalho difficil, mas que nem por isso me parece razoavel que deixemos de tentar.

Já disse, e repito, que a simplicidade no vestuario demonstra elevação moral.

Assim Herbert Spencer affirma que os adornos precederão o vestuario, e que quanto mais selvagem é um povo, tanto mais pensa em adornar-se.

O luxo é portanto a antithese da civilização.

Mas quando o luxo é apenas a expressão da ignorancia, perdoa-se e podemos quando muito lamentar aquelles que o usão; mas si elle significa o embuste, a mentira, a fraude, — não infunde compaixão, causa nojo.

Todos os dias se reproduz na nossa sociedade um facto que não deve passar desaperecebido.

Não é tão velha a usança que possamos por ella accusar nossos pais ou nossos avós peis data de poucos annos, mas tem lavrado por tal fórma, que os mais avisados a julgão já irremediavel.

Refiro-me ao luxo dos casamentos, essa mentira sobre que se assenta o mais santo dos templos: a familia.

Ponho de parte as classes abastadas, já porque sãde menos numerosas, porque influem no restante da sociedade, já porque o luxo de que se cercão apenas revela ignorancia, ou, quando muito, umas conveniencias sociaes, que essas mesmas classes crearão, e com que disfarção a vaidade e o desejo de esmagar as outras.

E' porém para lamentar o vêr que o homem da classe média, o operario, o trabalhador, se deixé vencer por uma vaidade sem explicação, para iniciar por uma festa carnavalesca, por uma mentira imperdoavel, a nova existencia que começa para elle no casamento.

Nunca até alli tinha entrado n'um carro, a casaca é para elle um traste novo, incommodo e inutil para o futuro; as luvas brancas servir-lhe-hão a penas

FOLHETIM.

POBRES SOGRAS.

Conversavam Mlle. S., e o Sr. P., um guapo rapaz, isolados no pequeno espaço, que um paravant preservava do excesso de luz, embora augmente o numero dos que acham em tudo suspeitas e mysterio. Infelizmente ainda está muito em voga a escola antiga da conversa declamada e testemunhada.

Mlle. S., é uma encantadora creaturinha, mignonne, graciosa, possuindo a franqueza e alacridade discreta das mulheres meridionaes, e a coqueterie fina d'uma fidalga opulenta. Bellos olhos, grandes, rasgados, luminosos, intelligentes e simulados; nariz distincto, correcto e dominante como um soberano; a bocca graciosissima; os dentes, riso e a voz namam um concerto harmonioso da sua pureza em plena primavera; uma cação leira sedosa, abundante, cendrée, dada com arte, de modo que a nuca mu um irreprehensivel bloco de jaspe, e

a testa uma nesga de setim roseo, guardado de franja caprichosa. Tem mãos estatuarias, pequenas, dedos ponteagudos, e de frescura só comparavel as petalas de jasmim e rosas.

Quando se conversa com Mlle. S. pensa-se que a fortuna, a mocidade e a belleza a tornam uma fidalguinha orgulhosa, exclusivista, irresoluta, exagerada, nas suas phantasias, nas suas vontades, na sua altivez, unida a uma franqueza, que apenas nos permite achal-a um supplicio passageiro e uma impressão agradavel de toda a vida. No fim de contas, porém, não ha quem não diga: — Ali está uma moça inteiramente feliz!

Puro engano! A felicidade muito completa ás vezes é um obstaculo. Si Mlle. S. não fosse rica, já teria desposado um homem que a merecesse inteiramente. Os que a pretendem, exploram-na.

Quando se deliberão a fazer-lhe a côrte, já têm passado pela Caixa da Amortização. Os que nunca a pretenderam, porque pensam não ser acreditados no seu desinteresse digno, estes

vão seu caminho, silenciosos e indifferentes. Nem suspeitam que entre elles estará talvez o homem possivel!

Os dous tiveram tempo para dizerem-se muitas cousas emquanto eu conversava com Mme. C., a tia, que a recebeu orphã e a educou como filha.

De repente Mlle. S. não disse mais nada, e o Sr. P. deixou o logar mysterioso, onde passára seguramente uma hora. O moço tinha a physionomia um pouco alterada, e lutava com visivel difficuldade para entrar na conversação atrahente que Mme. C. sempre anima, provoca e prolonga, sem estrepito e sem reclames preciosos.

Para situações taes, só ha realmente uma solução: é precipitar a retirada. Foi o que fez o Sr. P.

Fiquei muito intrigado com o caso. — Não tenho difficuldade em referir-lhe o que se passou, disse-me Mlle. S. adivinhando a minha curiosidade. Este homem faz-me a côrte em Petropolis, no theatro, nos bailes, por toda a parte,

emfim. A principio achava-o massante confesso. Depois vi que era injusta: elle tem algum espirito, ao menos tanto quanto basta para me fazer sahir do tedio que me causam as contradições. Ultimamente conheci que elle procurava collocar a sua declaração, e então notei que os homens não são tão fortes como se apregoam. Afinal elle teve hoje a coragem precisa para... suicidar-se. Perguntou-me si eu queria casar-me. Achei aspera de mais esta palavra, mas, emfim, não ha outra principalmente desde que se trata de aclarar uma situação. Respondi-lhe que sim; e um pouco commovida accrescentei: — mas com uma condição — depois que o senhor inventar o meio de se não ser ao mesmo tempo duas cousas tristes — orphã e herdeira. O que havia de responder o meu apaixonado — Orphã e herdeira. Duas cousas ideiaes, minha senhora: a apolice sem a sogra! Ergui-me indignada com o quem diz: — Não, e rua!

— Pois elle sahiu, como quem entendeu perfeitamente uma e outra cousa. Pobres sogras!

J. A.

alguns minutos, mas é preciso offuscar com esse esplendor os amigos e conhecidos.

E que diria o pai da noiva si elle assim não procedesse.

Este por sua parte mascara tambem a filha. E' indispensavel o vestido de seda branca, as rouches de setim, a corôa de flores artificiaes, o véo primorosamente bordado, as luvas de seis botões, o leque de madreperola... ai! si esquecia o leque o que seria do futuro da familia? E o noivo? que dirá o noivo?

Pois tudo isto é uma mentira, tudo isto é uma fraude.

E a quantos vexames, a quantas amarguras não dão causa estas conveniencias sociaes?

Presos á coragem dos noivos lá vão arrastados os pais, os padrinhos e os convidados, e a cada gyro das rodas, destróe-se uma commodidade do lar, aniquila-se um recurso futuro para os filhos que hão de vir!

E quantas vezes o dinheiro despendido nestes esplendores, representa um emprestimo contrahido na vespera, ou um adiantamento de ordenados? Quantas vezes estes emprestimos contrahidos representão alguns insultos no futuro? E o pai ou o noivo, que talvez não côrem quando um credor, muito rasoavel, diga-se a verdade, lhe atirar á face com o epitheto de caloteiro, não supportarião a vergonha de ver sua filha ou sua noiva caminhar a pé para a igreja, com um singelo vestido, sob o qual transparecesse a candura dos seus sentimentos.

Franklin Tavora, no seu singelo conto "Um casamento no arrabalde" faz a propria Lucilla, a candida, a innocente noiva, cortar e coser o seu vestido de noivado. Já fôra ella, diz o mimoso escriptor, "quem cosera e enfeitara o véo, symbolo de sua candura. Como isto é sublime! Assim é que deviam proceder todas as moças. Com suas proprias mãos deviam ellas preparar o seu véo e vestido branco, como fez Lucilla. Si ainda se admite o véo como symbolo da pureza leve-se o symbolo mais longe: não se admitta que elle passe por mãos extranhas, talvez impuras, que o possuão conspurcar. Dê-se todo o elasterio possivel á poesia do noivado.

Que sublime lição! mas quem ousaria seguir este conselho?

E' preciso que o vestido da noiva esteja por alguns dias expostos na vidraça da modista, aos olhares e ás chufas de quantos passão.

Ai pobre noiva! si o teu vestido pudesse dizer o que ouviu durante os dias que esteve em exposição, talvez te envergonhasses de vestil-o...

Acabê-se por uma vez com este carnaval permanente; as quantias malba ratadas com essas mascaradas; transformai-as ó noivos, em um titulo de renda, em uma commodidade para o vosso lar.

Haja algum que comece; abraçe um exemplo salutar e moralizador.

A singeleza dos costumes é ainda uma elevação moral.

Paulo Mario.

NOTICIARIO.

2. districto dest' Provincia. — Foi marcado o dia 6 do mez proximo para-se proceder ao 2.º escrutinio.

Companhia Nacional de Navegação a Vapor. O nosso amigo, commendador Costa Pereira, digno agente da Companhia Nacional na cidade de S. Francisco, pedenos para declarar ao publico que, segundo communicação que teve da Gerencia d'essa companhia, as viagens do vapor da Linha Intermediaria passam a ser feitas no dia 5 de cada mez, come-

gando a 5 de Março, e que tocarão no porto de S. Francisco os vapores, que sahi-rem da côrte a 11 e 24.

Elemento servil. Diz o "Diario Official" de 16 do corrente que não tem o menor fundamento o boato de que o Dr. presidente do conselho pretende apresentar na proxima sessão legislativa um projecto para a extincção do elemento servil, dentro do prazo de cinco annos.

Que mestre-eschola! O illustre pedagogogo do órgão adverso disse em certa occasião que a leitura de seu periodico pode ser util aos que não sabem lêr e escrever.

Tão grande parvoice excitou-nos uma gargalhada, pois somente um homem enfatuado e vão é capaz de fazer semelhante declaração.

Entretanto o illustrado mestre tem cochilado.

Quantos erros de palmatoria, santo Deus!

Quizeramos vêr um discipulo reforçado de ferula em punho a descascar aquellas unhas!

Noticiando o naufragio do hiate "Activo" e empregando a palavra — tripulação — o nosso homem escreveu-a com — u.

E não é tudo. No ultimo numero do seu periodico lê-se o seguinte: "a idéa que assalta-nos ao espirito!!!

Assalta-nos ao espirito... Como isto é soberbo, magnifico!

Então o verbo assaltar pede complemento objectivo, Sr. pedagogogo?

Pois quem ensina a ler e escrever correctamente commette erros taes?

Veja o que diz o dictionario de Constancio: "o medo assalta os ossos e não aos ossos."

Que bom par de galhetas, o Souza e o mestre-eschola!

Um é digno do outro.

Tão bons mestres produzem realmente muitos sabichões.

Circo Chileno. Realizou-se no dia 25 do corrente a primeira função desta companhia, que se acha actualmente entre nós, dirigida pelo Sr. Palacio.

Os trabalhos exhibidos foram muito bem executados e geralmente applaudidos.

Composta de bons artistas, esta companhia tem proporção para dar ao publico joinvillense noites bem divertidas e agradaveis.

Recommendamos-l'a, portanto, ao publico, pedindo a sua valiosa concurrencia.

Recurso eleitoral. Por carta que um amigo nosso recebeu de Porto Alegre, sabemos que o Tribunal da Relação confirmou as decisões dadas pelo Dr. Juiz de Direito sobre o ultimo alistamento eleitoral de diversos nossos amigos desta cidade, de S. Francisco e S. Bento.

E' mais uma decepção para o Dr. Abdon Baptista e outros liberaes de S. Francisco que, sem fundamento algum, recorreram do alistamento de nossos amigos, que, com toda a regularidade haviam sido alistados.

E se dizem liberaes aquelles que pretendem extorquir o direito de voto á cidadãos reconhecidamente aptos perante a lei!...

Tartufos!...

Catalepsia do "Democrata." Este jornal ficou tão atordoado com a derrota de 15 de Janeiro que só agora accordou-se do estado cataleptico em que permanecera para dar noticia, em seu ultimo numero, de 2 liberaes ultimamente eleitos, como se nem conservadores, nem outros liberaes o tivessem sido!

Será que ao "Democrata" se affigura possivel o seu Maciel voltar logo á carga com nova carga?

Demonstração de pezar. Lê-se no "Conservador" de 17 do corrente: Em demonstração de pezar pelo mes-

perado passamento do eminente cidadão e prestimoso servidor do Estado, o Exm. Barão da Laguna, senador por esta Provincia, S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia determinou que as repartições publicas suspendessem hoje seus trabalhos exceptuando somente nas de arrecadação e fiscalisação os que fossem urgentes.

Em virtude disso, todas as repartições publicas fecharam suas portas

Pelo mesmo motivo S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia resolveo tomar luto pezado com sua Secretaria por tres dias, a contar de amanha 18 do corrente.

Demissões e nomeações. Diz o "Conservador" de 15, 19 e 20 do corrente:

ACTOS DA PRESIDENCIA.

Por actos de hoje foram exonerados:

— De Delegado Litterario da villa do Paraty o cidadão Francisco José Dias de Siqueira.

— De Subdelegado da mesma villa o cidadão Diogo Soares da Silva Pereira.

— De 1.º supplente do Delegado da mesma villa o cidadão João Nunes da Silveira.

De subdelegado da villa do Tubarão, a pedido o cidadão Martinho da Silva Cascaes.

Foram nomeados:

— Delegado Litterario da villa do Paraty o cidadão Antonio João Vieira Junior.

— Para Subdelegado da mesma villa o cidadão Antonio José Prates.

— Para 1.º supplente do Delegado da mesma villa o cidadão Salvador Justino da Silveira.

— Para 1.º supplente do Subdelegado da mesma villa o cidadão Antonio Mafra Alves Maia.

Por portaria do Dr. Chefe de Policia foi exonerado de carcereiro da cadeia de Joinville o cidadão Carlos Eberhardt e nomeado para substituí-lo o cidadão Jacob Schmidlin.

Por actos de hoje foram nomeados:

— Agente da Collectoria de Joinville o cidadão João Antonio Corrêa Maia.

— 2.º supplente do Juiz Municipal e de Orphãos do termo de Joinville o cidadão Augusto Heeren.

— 3.º supplente do Juiz Municipal e de Orphãos do mesmo termo o cidadão Henrique Stöterau.

Telegrammas. Extrahimos do "Conservador" os seguintes:

Do Exm. Sr. Presidente do Conselho ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Rio 16 de Fevereiro. — Falleceu hoje o senador Barão da Laguna, digno e dedicado representante d'essa Provincia. — Cotegipe.

— Do Exm. Sr. Presidente do Paraná ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Curitiba 16 de Fevereiro. — Falleceu o barão da Laguna. Transmitto a V. Ex. esta noticia com verdadeira dôr. Santa Catharina perdeu um bom e leal filho, o Brazil um servidor capaz de todos os sacrificios. Representando eu hoje a Provincia, manifesto a V. Ex., para que á ella o transmitta, o meu profundo sentimento. — Escraguolle Taunay.

— Do Exm. Sr. Presidente do Paraná ao Sr. Dr. Sá Vianna.

Curitiba, 17 de Fevereiro. — Pezames bem sinceros. — Taunay

Chefe de Policia da côrte. — Diz o "Paiz" de 17 do corrente constar-lhe que o Sr. desembargador Coelho Bastos pede exoneração do cargo de chefe de policia, e que o governo aceitou o seu pedido, bem como que o Sr. desembargador será agraciado com o titulo de conselho.

Eleição geral. Telegramma expedido de Porto Alegre para o "Paiz" declara

que o presidente da provincia opinou e o juiz de direito ordenou ao promotor publico fossem processados todos os juizes de paz do 1.º districto eleitoral, que se recusam a convocar o eleito- rado para o segundo escrutinio pelo mesmo juiz de direito marcado para o dia 24 do corrente.

A eleição do 3. districto da Bahia. Lê-se na "Gazeta da Bahia" de 7 do corrente:

Para maior esclarecimento da importante questão, movida sobre esse districto, por onde foi diplomado o candidato vencido Sr. Cons. Prisco Paraiso, damos abaixo o resultado da apuração feita pela respectiva junta, em Cachoeira.

N'ella figura como se vai ver, o collegio de Arguim, no qual não se fez eleição; bem como as eleições falsificadas de Umburanas e Outeiro Redondo.

Devem lembrar se os eleitores de que na primeira d'ellas o Sr. Dr. Milton tinha tido 12 votos, e o Sr. Cons. Prisco 7 sómente; e na segunda o mesmo Sr. Prisco 20, e o Sr. Dr. Milton 10.

Reparem, pois, para a brilhante escamotagem que o ex-ministro de S. M. o imperador fez para conseguir diplomar-se pela brilhante maioria de... 9 votos...

	Dr. Milton	Cons. Prisco
Cachoeira	109	100
S. Felix	59	42
Conceição da Freira	72	30
Iguape	13	20
S. Gonçalo	47	51
Moritiba	57	65
Cruz das Almas	13	48
Santo Estevão	29	12
Currallinho	38	29
S. Felipe	18	47
Conc. da Almeida	39	36
Rio da Dama	27	12
Maragogipe	66	39
Umburanas	2	17
Outeiro Redondo	0	31
Arguim	0	19
	589	598

A justiça da junta, que foi presidida pelo Sr. Dr. Castro Lima, fez com que ella englobasse n'essa apuração todos os votos, tomados em separado para o Sr. Prisco; ao passo que o unico tido pelo Sr. Dr. Milton nas mesmas condições não foi apurado!

Os escravos do Sr. conselheiro Saraiva. — Lemos no "Diario de Noticias":

"O Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, uma das maiores glorias da nossa provincia, acaba de dar o seu honrado nome o maximo brilhantismo a que um homem, deveras humanitario, pode aspirar."

No dia 15 do mez corrente S. Ex. depois de conceder liberdade a todos os seus escravos, em numero de setenta, convidou-os a continuar a trabalhar na sua fazenda, mediante salario rasoavel."

Viagem Imperial. — Uma correspondencia dirigida ao "New-York Herald" e publicada no "Diario da Bahia", de 20 de Novembro, dá curiosas noticias á cerca da viagem que Sua Magestade projecta fazer á Europa.

Diz a correspondencia:

"Prometteu o Soberano á Sra. condessa de Barral e Pedra Branca, que em Junho futuro iria á Europa consultar os espcialistas sobre a sua molestia (diabetis); agora está hesitante, ora quer ir, ora não quer, e diz que o barão de Souza Fontes o ha de pôr bom.

O seu grande amigo, Sr. Visconde de Nioac, anda desanimado e apprehensivo já expedio telegramma á condessa de Barral que venha á côrte para decidir Sua Magestad partir.

Afirma o Sr. visconde de Alje que apenas o parlamento estiver accionando se solicitará licença para soberano ir á Europa e que Sua Magestade partirá á 9 de Junho

Assegura mais que recebera or-

esperar a sua Magestade na In-
terra o Sr. Dr. Costa Motta, actual
addido á nossa legação junto ao governo
do Quirinal, e ao qual já estão promet-
tidos a promoção da carreira diploma-
tica e o título de barão.

Diz o Sr. Carapebus, mui queixoso,
que o traductor da Evangelina quer
acompanhar Sua Magestade; é por isto
que se empenha a Sra. condessa de
Barral, mas outra pessoa tambem de
grande e decisiva influencia pede, e
muito pelo Sr. Costa Motta.

Incendio em alto mar. Lê-se no „Jor-
nal do Recife“:

„A barca norte-americana „Norway“,
capitão L. F. Knowels, sahio, a 21 de
Novembro do anno ultimo, do porto de
Sidney (Australia) com destino a Lon-
dres, carregada de naphtha, graxa e ou-
tros generos.

A 26 de Janeiro deste anno, depois
de 54 dias de navegação, e quanto já
se achava na lat. S. 22º e 11m e long.
O. de Gr. 24º e 50m, manifestou-se a
bordo um violentissimo incendio.

Não vendo possibilidade de comba-
re-lo, a tripulação composta de 11 pes-
soas e mais a esposa do capitão trata-
to de salvar-se, embarcando-se em dous
botes, nos quaes collocarão alguns vi-
res e agua.

Por felicidade virão apparecer uma
vela pela popa, e antes de deixar o na-
vio içarão a bandeira ás avessas, signal
de pedir soccorro, e tambem içarão no
mastro grande os galhardetes do codigo
maritimo correspondentes á phrase: Fogo
no carregamento.

Bandeira e signaes forão vistos de
bordo do navio apparecido, que para
logo fez rumo na direcção do incendi-
diado.

Quando delle se aproximou, já os
seus tripolantes o tinham deixado e va-
gavam ao encontro delle, que abordarão
ás 3 horas da tarde.

Era a barca ingleza „Dunheld“, que
vai de New-Castle para New-London, a
cujo bordo forão os naufragos reco-
lhidos.

Esta embarcação havia dias tinha per-
dido o seu capitão J. Morrison, que
succumbira a padecimentos intestinaes
e antigos, e estava sob o commando do
1º piloto.

Em distancia conveniente permaneceu
a „Dunheld“ até ás 9 horas da noite
no lugar do sinistro, só continuando a
navegação quando a „Norway“, já to-
da consumida pelo fogo, submergiu-se.

Não obstante ser muito afastado de
nossa côsta o rumo que tinha de seguir,
deliberou o seu capitão interino appro-
ximar-se da nossa provincia para dei-
xar os naufragos, e assim o fez, achando-
se no sabbado da semana ultima a
8 milhas distante de nosso porto.

Estando o tempo bonançoso e o ven-
to favoravel, embarcarão de novo os
naufragos nos seus dous botes e fizeram
rumo para aqui, depois de se terem des-
pedido cheios de reconhecimento da gen-
te da „Dunheld“ pelo bom tratamento
que lhes dispensara.

Era meia hora depois do meio-dia
que se largarão de bordo e hontem ás
dez horas e meia da manhã entravão a
barra, tendo sempre navegado durante
as 46 horas á vista um do outro.

Telegramma de pezames. No telegram-
ma de pezames que o imperador Gui-
therme enviou á viuva de Affonso XII,
dizia:

„... que tinha morrido o mais novo
das monarchas antes do mais velho,
gostava elle.

„... que em testemunho de venera-
ção pela morte do rei e como prova de
especialidade para com a Hespanha, a Al-
cázar deba aceitara as bases proposta por
Santidade para a terminação da
herança das Carolinas.“

ESTATISTICA
Mortalidade da cidade do Rio de Janeiro
em 1884. — Durante o anno de 1885

derão-se na cidade do Rio de Janeiro
10,182 fallecimentos, comprehendidos os
nascidos mortos em numero de 793, ou
9,389 não comprehendidos estes.

Esta somma da mortalidade geral
apresenta uma differença para mais em
relação ao anno anterior (1884) de 349
fallecimentos.

Os fallecidos em 1885 dividem-se do

Sexo	
Masculino	6,332
Feminino	3,850
Condição	
Livre	9,881
Escrava	301
Nacionalidade	
Brazileiros	7,112
Estrangeiros	3,070
Idades	
Até 7 annos	2,363
De 7 a 25 annos	1,494
De 25 a 40 „	2,026
De 40 a 55 „	1,677
De mais de 55 annos	1,811
Ignorada	810

Lugares dos fallecimentos	
Em domicilios	6,847
Em hospitaes civis	3,180
Em hospitaes militares	178
Na via publica	4
No mar	23

Por semestres, a mortalidade geral
foi:

No 1º semestre	5,201
No 2º „	4,981

Congelação de carne muscular. O Sr.
Colman, presidente da secção de chimi-
ca da „Philosophical Society“, de Glas-
gow, apresentou aquella sociedade uma
communicação sobre a congelação da
carne muscular.

A 80º c., a carne de um animal, a
do carneiro, por exemplo, adquire tal
dureza, que, batida com um martello,
vibra e emite som analogo ao que dá
um pedaço de ferro sujeito ao mesmo
tratamento. Neste estado a carne pode
ser reduzida a pó com extrema facili-
dade. Resulta tambem de experiencias
feitas pelo autor da memoria com o Sr.
Handiek, que os microbios que vivem
no seio da carne antes da refrigeração
se encontram ainda vivos depois que a
carne foi regelada.

Depois de submitter a carne durante
100 horas a 86º c., os micobrios pas-
sam, sem morrerem a propriedade de
volverem actividade pela acção dupla
que a humidade e o calor sobre elle
exercem.

Herança de D. Fernando. — A herança
deixada por D. Fernando, é calculada
em dous mil contos fortes, dos quaes
mil em obras de arte e em collecções.

Vendedor automatico. — Em Londres,
fizeram-se ultimamente experiencias de
um apparelho extremamente original.
E' um vendedor automatico de bilhetes
postaes e cintas para impressos.

O apparelho consiste em uma caixa de
ferro assente em uma columna: um dos
lados da caixa serve de estante:

A caixa tem dous compartimentos:
um contém os bilhetes postaes e o outro
as cintas para impressos. Debaixo de
cada compartimento ha uma caixa, no
qual está uma cinta ou um bilhete pos-
tal. Mas as caixas não se podem abrir
sem lançar no fundo da caixa um penny,
peso sufficiente para opprimir uma mola
e permittir o movimento da caixa.

Em Londres já se estabeleceram
muitos destes apparelhos.

Agora o que se precisa evitar é que
os espertalhões saquem os bilhetes e as
cintas das caixas, servindo-se, em vez
de um penny, de um seixo qualquer.

VARIEDADES.

ANTES SAPATEIRO!

Neino contentus sorte sua.

Vendo o Seixas que o Carlinhos, o
seu unico filho varão, ia-se tornando
taladote, já bastante adeantado nos pri-
meiros estudos, entrou a pensar madu-
ramente no seu futuro, qual a carreira
a que devia destinal-o, que profissão
mais lhe conviria.

Seixas era empregado na secretaria
da guerra; um dos mais antigos e mais
estimados auxiliares d'aquella repartição.

Quarentão, a beirar meio seculo, e
pobre difficilmente aguentava a carga
de familia que lhe faziam a mulher e
os oito filhos, dos quaes só um não era
adoro do sexo, impropriamente cha-
mado fragil.

Ora o bom do Seixas avisadamente
entendia que era mister educar o Car-
linhos a primor, de maneira que elle
pudesse futuramente ser o arrimo e o
protector da mãe e mais das irmãs que
ainda se conservassem solteiras.

Fôra sempre economico. Diziam-n'o
avaro. Mentira. Economico é o que
era, mas economia sem sordidez nem
privações do indispensavel.

D'essa qualidade e dos bicos que
fazia a D. Jacintha, sua honrada esposa,
com a quitanda de balas e flores, advie-
ram ao casal algumas centenas de dez
tostões, amorosamente depositados na
Caixa Economica.

Esse fundo, destinava-o secretamente
o Seixas a educação do seu rapaz.

Não era, portanto, a falta de meios o
que verdadeiramente preocupava o
zeloso pai quanto a esse ponto. Mas
sim — que carreira mais conviria ao
pequeno? para que profissão preparal-o?
Advogado? engenheiro? medico? magis-
trado? professor?

Era essa — the question.
Nada sabia; boiava em pleno mar de
incertezas. De uma só causa estava,
contado, inteiramente convicto; em um
só ponto firmára inabalavel resolução:
— O pequeno poderia ser tudo, tudo,
tudo! — menos empregado publico. Lá
isso é que nunca! Nunca! Emprego
publico? Pois não! Antes tivesse de
vel-o — n'uma tripeça, a bater sóla!

Urgia decidir, pois o Carlinhos cres-
cia á „olhos vistos.“

— Vem d'ahi, rapaz; vamos consul-
tar teu padrinho; disse-lhe um dia o pae.

E foram ao escriptorio do conselheiro
Caruncho, deputado chronico por uma
provincia do Norte, que nunca havia
tido a honra de vel-o mais gordo, nem
mais magro; verdade seja.

Exposto o fim da visita, o conselheiro
estourou.

— Faça delle o que quizer, com-
padre, menos politico! Maldicta a hora
em que me metti n'esta borracheira!
Ha quasi trinta annos que sirvo aqui
de criado d'aquelles matutos! Estou
farto, compadre! Nem você imagina
que vida é a minha. Nem quasi tenho
tempo de fallar com a velha e de vêr
os pequenos. Pois se eu o mais que
passo em casa são duas horas por dia?
Quando está aberta a Camara, só estou
em casa a noite, e isso, mesmo — em
parte, porque quando ha reuniões de
partido e palantrorios eleitoraes só vou
p'ra casa as onze e mais tarde. Um
inferno, compadre, um inferno! Nada
de politica rapaz! Antes um bom em-
prego publico. E' muito mais tranquillo
e tendo-se juizinho é cousa segura.

— Isso é que nunca, Sr. compadre!
Antes sapateiro! exclamou o Seixas,
revoltado, sahindo.

Na rua encontron o seu amigo o Dr.
Semicupio um medico de fama. Aga-
tanhou-o, pedio-lhe parecer.

— Não sei, meu caro, não sei; re-
gougou o Esculapio, limpando o suor
com a dextra e com a sinistra desem-
bolçando o relógio impaciente. Faça
d'elle, o que quizer. Tudo é bom, menos
medico. Isto não é vida! Uma canceira

infernal, de manhã até á noite! Não
tenho tempo para descansar, nem li-
cença para adoecer. Sou escravo das
bronchites, propriedade das pneumonias,
humilde creado da febre amarella, da
febre pernicioso, da algida, da typhica,
da intermittente, de quanta febre ha
por este mudo! Safa! Passa fóra!
Adeus! Tenho que ir furar um leicenco!
Olhe, faça o pequeno empregado publico.
Ao menos não terá que fazer.

— Isso é que nunca, doutor! Antes
o veja n'uma tripeça, a coser botas!

E o pobre Seixas partio, desanimado,
offegante, arrastando o Carlinhos, que
começava a aborrecer-se notavelmente.

— Oh! Sr. Veiga!

— Oh! Sr. Seixas!

O Veiga era — era e é — um acre-
ditado boticario. Ora o Seixas sempre
ouvira dizer que não ha negocio tão da
China como uma botica; que com um
limoeiro, em poço e uma arroba de as-
sucar não ha quem não tenha enrique-
cido.

Consultou o Veiga, dizendo-lhe isso
mesmo e mais que não ha noticia de
haver fallido um mesinheiro.

Mas o Veiga saltou, furioso:

— E' com o que nos dão! Venham
para cá e hão de ver o bonito. E as
fintas e os fiados? e as amolações?
Onde é que o Sr. vio boticario, já não
digo rico, mas arranjado? Se não
quebramos é porque o negocio das ca-
taplasmias não dá nem para isso. Ponha
o rapaz em uma secretaria. O Sr. não
está tão bem? A apostar em como tem
o seu prediosinho em Botafogo.

— Eu?!... Ora... ora... Só está me
faltava! resmungou o Seixas, pallido, des-
apontado... E accrescentou abalando:

— Adeus, senhor Veiga. N'uma se-
cretaria?! Empregado publico?!
Nunca senhor! Antes sapateiro, remen-
dando botas velhas.

Não sei se o pobre Seixas continuou
a consultar os amigos e os conhecidos
acerca da melhor profissão a que deveria
destinar o seu pequeno.

Se continuou, coitado! posso jurar
que ainda o não destinou a nenhuma.

Vá o Seixas ouvir a opinião de Sua
Magestade, e se o monarcha lhe aconsel-
har que faça do pequeno imperador
(embora do Divino) eu lhe darei um
doce.

— E se elle fôr consultal-o, a Você,
— perguntar me-á o leitor —, que lhe
dirá?

— Eu direi ao Seixas, amigo leitor,
que faça do seu Carlinhos o que lhe
parecer, — menos jornalista, nem litte-
rato.

Letras — só de banco! Antes sapa-
teiro!

O que nos vale a totes nós, é não
podermos exercer a profissão... dos
outros.

VALENTIM MAGALHÃES.

ANNUNCIOS.

Para o entrudo!

BISNAGAS

recommenda C. W. Boehm.

Alambiques

vende baratissimo

Otto Pfüzenreuter.

Der Fall Gruber.

Herr Hugo A. Gruber ist vom Berliner Polizeipräsidenten aus den preussischen Sla-

gen ausgewiesen worden. In diese Maß- regel dieses nicht überall richtig verstanden wird, so seien einige Klößen darüber gestattet.

Vor Allem muß man im vorliegenden Falle Preußen und Deutschland ausein- ander halten, was einem Ausländer nicht weissen Grenzpfählen rächt die Macht des Berliner Polizeipräsidenten nicht. Ebenjo gut als nach Belgien hätte Herr Gruber nach einer der Hansestädte oder nach einem anderen deutschen Staate, der das Verbot der Annahme von Auswanderern zur Be- förderung nach Brasilien nicht nachgehandelt hat, also z. B. nach Baiern, Sachsen oder Württemberg, sich zurückziehen dürfen.

Die Ursachen der Ausweisung des Herrn Gruber sind mit der Hand zu greifen und nur erbeuchelte Unwissenheit war es von ihm, um Aufklärung darüber zu erfragen. Er hatte eben für die Auswanderung nach Brasilien Propaganda gemacht und eine Art Auskunfts-bureau für Auswanderungs- lustige etablirt. Dadurch verließ er nach Auslegung der Verwaltungsbehörden wie der Gerichte gegen den v. d. Heydtschen Erlaß betreffend die Auswanderer-Be- förderung nach Brasilien, und Herr Gruber müßte sehr vertrauenswürdig und uners- fahrten sein, wenn er sich dessen nicht be- wußt geweten.

Die Annalen des Hamburger Koloni- sationsvereins wissen noch von ganz anderen Polgemerkungen jenes Erlasses zu erzählen. Nicht einmal zu inferiren darf der Verein in preussischen Blättern wagen, und gegen- ligen Sekretär ist schon von einer preu- sischen Behörde ein Strafmandat erlassen worden, weil zu ihrer Kenntniß gelangt war, daß er einem preussischen Unter- than angezeigt hatte, es sei für ihn ein Zufluß zur Ueberfahrt von einem Ber- wandten in Dona Franziska eingezahlt worden.

Die Ausweisung Gruber's befundet auf's Neue, wie sehr die preuss. Regierung an- der gegen die Auswanderung nach Bra- silien aufgerichteten Sperrre festhält, und was diesen Punkt betrifft, bedeutet die Bereinigung des preussischen Handelsmini- steriums mit den übrigen Obliegenheiten des künftigen Reichskanzlers mehr als eine Personalunion. Das Verbot ist ganz im Sinne Bismarck's, obgleich die Beweg- gründe für die Aufrechterhaltung desselben heute ganz andere sind, als die Rückfichten waren, welche den Minister v. d. Heydt zu seiner Verfügung veranlaßten. Der deutsche Kolonialverein, dessen Unterstüßung seiner Kolonialpolitik Bismarck sich gern gefallen läßt, wird es bald genug erfahren, wie geringes Bewußt er sich von oben zu erstrecken haben wird, wenn er die Aus- wanderung organisiert und die Anlegung von Niederlassungen deutscher Pflanzbau- er in Südbrasilien begünstigen will.

Bismarck glaubt, durch seine agrarisch- schützlerische Wirtschaftspolitik die deutsche Auswanderung, die so viele künf- tige Rekruten entführt, auf ein höchst be- schränktes Maß herabmindern zu können. So lange daher diese Wirtschaftspolitik an der Tagesordnung ist, werden alle Be- mühungen dießseits und jenseits, und wenn auch noch so viele Vereine ihre Schultern daran stemmen, das v. d. Heydtsche Ver- bot niemals rückgängig machen. Ich will getrost ein solcher Prophet gescholten werden, aber es ist meine innere, aus genügender Kenntniß der Verhältnisse geschöpfte Ueber- zeugung, wie ich hier ausspreche. Daraus erhellt zugleich, wie ungerecht es ist, hinter dem Anstoß, den der Kolonialverein sich bewirkt hat, die Anweisung Deutschlands Südbrasilien zu geben. Bismarck als be- wogende oder gar erobrende Kraft zu ver- muten.

Was Herrn Gruber anlangt, so läßt sein Schicksal Alle, die ihn hier kennen, sehr kalt. Die Verdienste, die er angeblich um die Einwanderung in Brasilien sich erworben hat, sind einzig auf seiner eigenen Seite zu suchen. Von seinen Diensten in dieser Angelegenheit hat das Land nur

Kosten und haben die Einwanderer nur Schaden gehabt. Jüngst brachte die „Ger- mania" Auszüge aus einer Schrift, die Gruber im Interesse der Auswanderer nach Brasilien herausgegeben hat. Die Schrift wimmelt von Blödsinn und muß auch den, der noch einen Rest von Ver- trauen für Herrn Gruber bewahrt hat, davon überzeugen, daß dieser nicht der geeignete Vertreter der Interessen der deut- schen Einwanderung ist. Ueber seine Agitation, als durch solche Persönlichkeiten und solche Flugblätter!

Inland.

Antifsklaverei. Der gegenwärtige Mi- nisterpräsident soll den festen Entschluß ge- faßt haben, in der nächsten Session des Parlamentes ein neues Emanzipationspro- jekt vorzulegen, wodurch die Sklaverei in- nerhalb fünf Jahren beseitigt werden soll. Aus dieser Vorlage soll eine Sklavestfrage gemacht werden. An diese Sklavestfrage sind französische Blätter die bis jetzt unbe- stätigte Mittheilung von einer bevorstehen- den Reise des Kaiserpaars nach Europa. Es soll der Kronprinzessin als Regentin überlassen bleiben, das neue Emanzipations- gesetz zu genehmigen und dadurch sich einen dauernden Gewinn an Popularität zu sichern. Dann würde der Kaiser zu Gun- stigen der Kronprinzessin abdanken und die Dynastie noch für einige Zeit erhalten blei- ben. Der letzte Zusatz beruht denn doch jedenfalls auf müßiger Erfindung. — In der Municipalkammer von S. Paulo ist auf Antrag des Kammerathes Costa Moreira ein „Ehrenbuch" aufgelegt worden zur Ein- tragung von Beiträgen zur Befreiung der noch nicht 60 Jahre alten Sklaven des Munizips. Der Stifter des Ehrenbuchs hat die Zeichnungen mit der Summe von 1 Conto de Reis eröffnet. Ferner sollen bei allen Beträgen, welche die Kammer für öffentliche Arbeiten und Dienstleistun- gen abzuschließen hat, diejenigen den Vor- zug erhalten, die mit 5 Prozent des Be- trags sich in das „Ehrenbuch" einschreiben. Tarifiermäßigung. Mit beiderseitiger Friedigung zwischen die Blätter einen neuen Akt des Ackerbau-Ministers, welcher der in manchen Provinzen durch die lange dau- ernde Trockenheit entstandenen Zuerung der nothwendigen Lebensmittel abhelfen soll. Er hat nämlich angeordnet, daß der Tarif der Staatsbahnen für Mais, Reis und Bohnen um 70 Prozent herabgesetzt werden soll, und zwar so lange, bis die Reinkult der neuen Ernte diese Vergünsti- gung erheblich machen. Man erwartet, daß die Regierung ihren Einfluß aufbie- ten werde, auch von den Privatbahnen die- selbe Vergünstigung zu erlangen. Das Beste wäre doch, die zu hohen Tarife über- haupt herabzusetzen; man wird voraus- sichtlich bei der verfügten getwöhnlichen Tarifier- mäßigung die Ersparung machen, nie sehr dadurch der Verkehr gehoben wird.

Naturalisation. Den Bemühungen Taunay's ist es gelungen, den Minister des Innern zu veranlassen, die Naturalisirung Eingewandeter zu erleichtern. Das ist ge- schehen durch eine unterm 19. Januar d. J. ergangene Verfügung an die Provinz-Präsidenten, worin verordnet wird, daß der zu leistende Schwur von nun an wie- der von der Municipalkammer oder dem Friedensrichter abgenommen werden kann. Damit fallen die Auslagen für Volksmacht u. s. w. weg und es werden sich die gan- zen Kosten jetzt auf etwa 2500 belaufen. Wird der Schwur vor dem Friedensrichter geleistet, so hat dies vor dem meistvortrit- ten zu geschehen.

Hamburg und Brasilien. Nach amt- lichen Angaben verfiere sich Hamburg's Einfuhr aus Brasilien im Jahre 1883 auf 54,886,500 Mk. und im Jahre 1884 auf 57,543,960 Mk. Ebenjo zeigt sich eine Vermehrung bei der Einfuhr aus dem mine- raltreichen Peru von 34 auf 37 Millionen und aus Argentinien von 12 auf 24 Mil- lionen Mark. Die Einfuhr aus den übrige- n Ländern Südamerikas, nämlich Chile, Veneguella, Uruguay und Patagonien hat sich dem Werthe nach vermindert. Dem

Gewichte nach hat sich die Einfuhr Ham- burg aus Brasilien von 61,321,900 Kgr. in 1883 auf 60,971,600 Kgr. in 1884 ver- mindert. Vermehrt hat sich in diesen ver- gangenen Jahren die Einfuhr aus Peru von 144 auf 185 Millionen Kgr., aus Argenti- nien von 16 1/2 auf 45 Mill. Kgr. und aus Uruguay von 10 auf 11 Mill. Kgr. Die Einfuhr Hamburg's nach Brasilien ist nur dem Gewichte nach angegeben. Die- selbe betrug in Kilogramm 1881: 37,780,500, 1883: 44,396,700, 1884: 43,585,300. Die Einfuhr nach den übrige- n Ländern Südamerikas belief sich 1881 auf 113,932,800, 1883 auf 96,180,600, 1884 auf 111,368,300 Kgr. Es hat in den beiden letzten Jahren insbesondere die Einfuhr nach Chile, Argentinien, Veneguella und Uruguay erheblich zugenommen.

Brasilien's Handelsverkehr mit den Bre- itigten Staaten von Nordamerika ist im Jahre 1885 sowohl in der Ein- als der Ausfuhr hinter dem Jahre 1884 zurückge- blieben. Nach den von Washington aus veröffentlichten Uebersichten hatte die Ein- fuhr aus Brasilien im Jahre 1884 den Werth von 50,265,889 Dollars und im Jahre 1885 den Werth von 45,263,660 Dollars, was wohl zum Theil den gesun- denen Kaffeepreisen zuzuschreiben ist, denn die Menge des aus Rio nach den Verein- Staaten verschifften Kaffees war 1885 be- deutender als im Vorjahr. Die Ausfuhr der Verein. Staaten nach Brasilien, den Re-Export fremder Waaren mit eingerech- net, werthete 8,695,659 Doll. im Jahre 1884 und 7,317,293 Doll. im Jahre 1885. Was den Werth des Imports in die Verein. Staaten betrifft, so steht Brasilien an erster Stelle von allen außereuropäischen Staaten und läßt von den europ. Staa- ten nur Großbritannien, Deutschland und Frankreich den Vorrang. Außerhalb Euro- pas ist Brasilien's stärkster Nebenbuhler auf seinem eigenem Gebiete die Insel Cuba, deren Export in die Verein. Staaten 1885 gegen das Vorjahr um ca. 15 Mill. Fol- lars, von rund 57 auf rund 42 Millionen zurückgegangen ist.

Bestrafte Skavale. In der Anklage- sache wider den beschügten Ingenieur Joaquin Rodrigues Antunes und den Klav- isisten-Kandidaten José Carlos de Carvalho wegen Entwendung eines Briefes von Tau- nay hat kürzlich der Municipalrichter in Desterro das Urtheil gesprochen. Dem Ge- fenniß entnimmt die „Blumen. Ag." folgende Stellen: „Da es erwiesen ist, daß der Angeklagte Joaquin Rodrigues Antunes aus freudem Besiß auf irgend eine Weise den fraglichen Brief genommen und vermittelst einer Abschrift anderen Personen den Inhalt desselben mitgetheilt, verurtheile ich ihn zu vier Monaten einfacher Haft und in eine Strafe von 60000, sowie in die Kosten."

Kolonisatorisches. Am 7. Februar wurde unter glänzenden Feierlichkeiten die Kolonie S. Gabriella eingeweiht. Leider scheinen bei der Einrichtung Fehler, vor- denen oft gewarnt wurde, nicht vermieden worden sein. Die Landloose bieten nicht genügend Raum zur Entwicklung, sie ha- ben nur einen Umfang von 25-30 Mor- gen. Darauf finden die Kolonisten zwar eine Breiterbude vor, aber dieselbe gewährt nicht mehr als ein vorläufiges Obdach und die Kolonisten gehen für Land und Haus eine Schuld von 400 bis 500\$ ein, die abzutragen ihnen sehr schwer fallen wird. Ein Vorwärtkommen, eine blühende Landwirtschaft ist da kaum zu erwarten, wie man auch an den älteren Kolonisten näher der Stadt Curitiba sieht, daß sie eher rückwärts statt vorwärts gehen, weil das kleine Fleckchen Erde, das ihnen zuge- theilt wurde, nichts mehr hergibt, ohne gebüßt zu werden; und woher Dünger nehmen, wenn der Kolonist nicht zugleich Viehzucht treiben kann? Die Ansiedelung von S. Gabriella zählt 84 Polen, 84 Nord-italiener, 9 Desterreicher und 3 Deutsche zu Bewohnern.

Posales.

Zum Postverkehr. Auffällig verspätet gelangen die Zeitungen aus S. Paulo und andre Postschaften aus jener Provinz über

Santos hierher. Am 25. d. M.

ten wir mit dem Dampfer die Nummern 10, 11 und 12 „mania" vom 3. 6., und 10. Febru- setzig mit Blättern aus S. Leo zum 13. Februar, aus Porto A zum 16. Februar und aus Blau zum 20. Februar, und aus alle Blättern ist zu ersehen, daß bei verlebten bereits diesem Namen „Germania" vorzulegen haben. erst mit dem erwähnten Dampfer gen sind. Noch mehr, die „Siffo" brachte am 18. d. M. sowohl e Meer Post, als auch Sachen aus und Patanagua, u. a. den „Pion" vom 3. Februar hatte bent) nen. Eine „Germania" ist so wer mit der „Victoria" gekommen, w „Almore", ja selbst der National- der S. Franzisko anläuft, hat nur ten die „Germania" überbracht. Doch in dem Postverkehr Santos' irgendwo eine Schraube los sein, sind denn die direkten Dampfer v sie nicht von den Zwischenhäuf werden? So gut wie der Po- Patanagua aufpaßt und keine pfer, der dort anluft und nach weiter geht, vorüber läßt, ohne ei bentel für Joinville mitzugeben, wird es der Postagent in Santos Joinville bestimmten Stufe die über Desterro passiren. Um der „Germania" willen würde es all in verlohnen, großes Aufsehen davon en, dieselbe sollte ans nur als Be- Beispiel dienen; aber Alle, welche Santos, S. Paulo und anderen Or gleichnamigen Provinz korrespondiren gen gleichermaßen über Zeitungsvermüß- Vollständigkeit in der Beförderung der von dort nach Joinville. Diese Stre- deng ist bei den zahlreichen gesträ. und vermandtschaftlichen Begleuten, zwischen der heiligen Kolonie und v Ortschaften der Provinz S. Paulo ben, eine sehr lebhafte und ausge- Akten, die in solchen Begleitungen würde mit einer aufmerksamen Ba- mung jeder Gelegenheit zur direkter förderung der Briefe ab Santos nach vile außerordentlich geient sein.

Notizen.

Bismarck gefangen. Den St in Brasilien scheint es ein groß- gnügen zu machen, den Namen z zu führen. Da hierlands Jor ebenjo oft und leicht den Namen kann, wie man ein Pferd wechel- es erklärlch, daß man den Na in den Polizeiberichten antrifft. In wurde in Rio u. a. wieder ein. João Bismarck nennt und ein Stadibef. Gauner ist, verhaftet. (Es sind nicht Spitzbuben, die sich diesen Namen bei Auf der Reise nach Brasilien wurde in Bahia unter den beim Wächen beim digten Arbeiter ein alter den Au vorstellender Regier gezeigt, den P mark nannten. A. v. B.)

Zur Vertilgung der Mos. der Rauch des Insektenspulvers restlich empfohlen. Dasselbe ver- unter Entwicklung eines starken u der durchaus nicht unangenehm ist. Der Rauch tödtet alle Insekten, ab- auf die von welchem Körperbau die die Moskiten. Man schließt die und Thüren des Zimmers, legt ein hende Koble in einen Gefäß, u ihn mit Insektenspulver. In eine- freien Raum trägt man den Gefäß hält ihn auch unter die Betten u vere größere Möbel, damit der gleichmäßig vertheilt wird. Sch wenigsten Minuten werden sämtli- fiten todt auf den Boden fallen, u. man erst nach einer halben Stan Fenster öffnet, wird es auch um d- geüben sein.